



IMAGENS DA REVOLTA

IMAGES OF PROTESTS

Nesta seção, o registro fotográfico assume o protagonismo enquanto abertura de possibilidades para o conhecimento nas Ciências Sociais. Em “Traço de um real” (DUBOIS, 2004), a fotografia materializa uma parte do jogo de luzes que irá incidir e apresentar, em dado momento histórico e lugar, as nuances do visto e do não visto, as condições de existência do “visível” e do “enunciável” que constituem as práticas discursivas acerca dos acontecimentos (FOUCAULT, 2009).

O uso das novas ferramentas e tecnologias digitais de informação e comunicação, em particular, da novidade que conecta internet e telefonia móvel, tem um papel fundamental na sociedade atual e configura-se enquanto elemento central na compreensão desse contexto de protestos em 2013.

Tais novas configurações possibilitaram a emergência de circunstâncias não antes vistas de difusão das ações coletivas. Representantes paradigmáticos desse processo, os fotojornalistas, mídia jornalistas/mídia ativistas/mídia livristas, destacaram-se em 2013, tanto em função de sua contribuição na ampliação e difusão das manifestações por meio do compartilhamento de imagens via internet quanto pelo papel que desempenharam fornecendo material apto a contrapor narrativas por meio da transmissão de imagens e de *lives* que comunicavam em tempo real as manifestações. Suas lentes e seus registros serviram não somente como instrumento amplificador e caixa de ressonância de vozes invisibilizadas nas demandas por direitos, mas também como meio de prova em processos judiciais que tentavam caracterizar como crime a prática ativista.

Os registros fotográficos dessa coleção foram escolhidos por fotógrafos que estiveram presentes no contexto dos protestos de 2013 e são por eles apresentados pelos seus relatos, que expressam as experiências vividas naquele momento.

Foram selecionadas fotos de eventos emblemáticos que percorreram a periodicidade dos protestos, desde seus antecedentes, como a desocupação forçada e violenta da Aldeia Maracanã, prédio que abrigava o antigo museu do índio ao lado do estádio Maracanã, em março de 2013, na cidade do Rio. A remoção da Aldeia tornou-se símbolo das inúmeras remoções e transformações urbanas pelas quais passava a cidade do Rio no âmbito da preparação para os megaeventos.

Ao retratar os protestos, alguns registros são de grandes manifestações ocorridas nos dias 17 e 20 de junho, com destaque para as cenas de policiamento e violência policial durante os protestos. A greve dos professores das redes municipal e estadual de educação também está aqui representada em fotografias de outubro de 2013. Outras imagens apresentam manifestações em outras cidades, como São Paulo, em 2014, e também de fora da Região Sudeste, como Rondônia, no Norte do país, onde manifestantes da Liga dos Camponeses Pobres (LCP) realizaram protestos denunciando a violência no campo contra camponeses em luta pela terra.

Registro com José Maria Galhassi e sua esposa Beatriz Galhassi reflete a memória afetiva de muitos que vivenciaram os protestos no Rio. Figura sempre presente nas manifestações, José Maria foi do movimento comunista brasileiro e lutou contra o regime militar, durante o qual foi preso e torturado. Incentivador de diversas lutas populares no campo e na cidade, com seus mais de 80 anos, tornou-se figura emblemática entre os jovens em 2013, e suas fotos frequentando os protestos tornaram-se virais.

Além dessas, destacam-se as fotos dos protestos de julho de 2013 no Rio, após o caso do desaparecimento do pedreiro Amarildo, torturado e assassinado em sede de UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) na favela da Rocinha. Nas manifestações contra a violência policial, favela e asfalto levaram milhares de pessoas às ruas e com elas a pergunta: Cadê o Amarildo? Ponto de inflexão, a morte de Amarildo trouxe consigo uma curva no tempo e no espaço, enquanto as mortes e os desaparecimentos dos pobres e pretos nas favelas e periferias são marcadas por profundo silêncio, impunidade e invisibilidade na cena pública, as

manifestações por Amarildo somaram-se aos protestos que continuavam nas ruas do Rio e tornaram-se presença constante, quebrando o consenso em torno da “paz” militarizada da chamada política de pacificação expressa pelas UPPs, e abrindo a possibilidade de discussão em torno da continuidade de uma violência policial racial e de classe praticada nos territórios dos pobres da cidade do Rio.

Substância fundamental na construção de significados, as imagens nos colocam em uma relação com o mundo. Assim, em vez de somente representar os acontecimentos, as fotografias aqui expostas também nos impulsionam a questioná-los. Quais são as condições de existência que possibilitam esse encontro da luz com as coisas, produzindo o registro dos acontecimentos e permitindo que eles apareçam na cena pública? Como a fotografia pode influenciar o debate político e a conflitualidade? Qual o papel das mudanças nos modos de circulação e produção das imagens, com o uso massivo de novas ferramentas e tecnologias digitais de informação e comunicação?

Deixamos esses questionamentos ao exame atento de nossos leitores. Como assinala Susan Sontag, as fotos produzem uma gramática, uma “ética do ver”, modificando e ampliando nossas ideias “sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar”.

Brena Costa de Almeida

Antes de Junho: a Remoção da Aldeia Marakanã

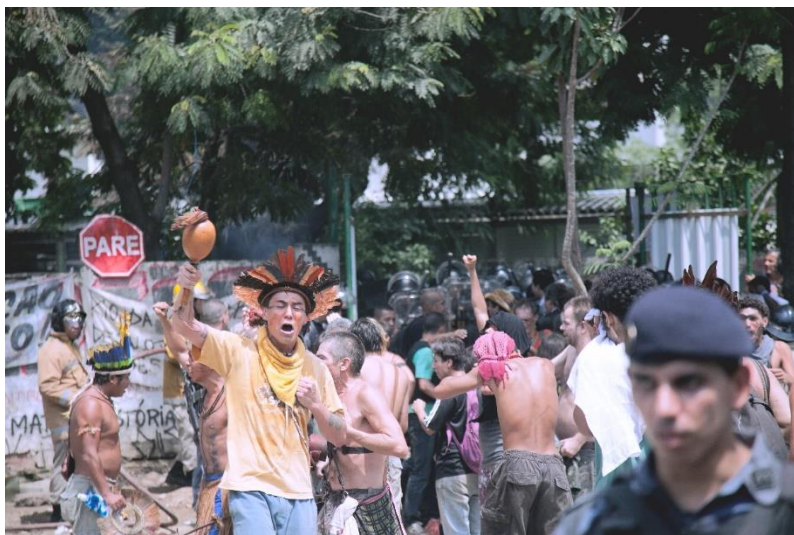


Foto: Rafael Daguerre



Foto: Rafael Daguerre

Antes mesmo de Junho de 2013, os dois registros anteriores são das manifestações na Aldeia Marakanã. Retratam o processo de remoção forçada e violenta da Aldeia, em março de 2013. Desde 2006, a comunidade indígena ocupava o espaço de um antigo museu do índio ao lado do estádio Maracanã.

Rafael Daguerre

Junho de 2013



Foto: Rafael Daguerre



Foto: Rafael Daguerre

Junho de 2013



Foto: Rafael Daguerre



Foto: Rafael Daguerre

Junho de 2013

O ano de 2013 será sempre lembrado pelas Jornadas de Junho e os protestos pela revogação do aumento da tarifa dos transportes. Mas isso não esgota a sua significação para a história da luta de classes no Brasil. Foi também um ano de greves que atingiram recordes, mobilizando cerca de 2 milhões de trabalhadores em todo o país. Outro movimento que não pode ser esquecido e faz parte de junho é a revolta popular com as obras e os gastos com os megaeventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, que ampliaram a gentrificação e a desigualdade social nos grandes centros urbanos brasileiros. Somente no Rio de Janeiro, entre 2010 a 2014, mais de 20 mil famílias foram removidas à força de suas casas. As quatro fotos anteriores são do mês de junho de 2013 e trazem diversas expressividades da revolta popular desse período.

Rafael Daguerre

Junho de 2013

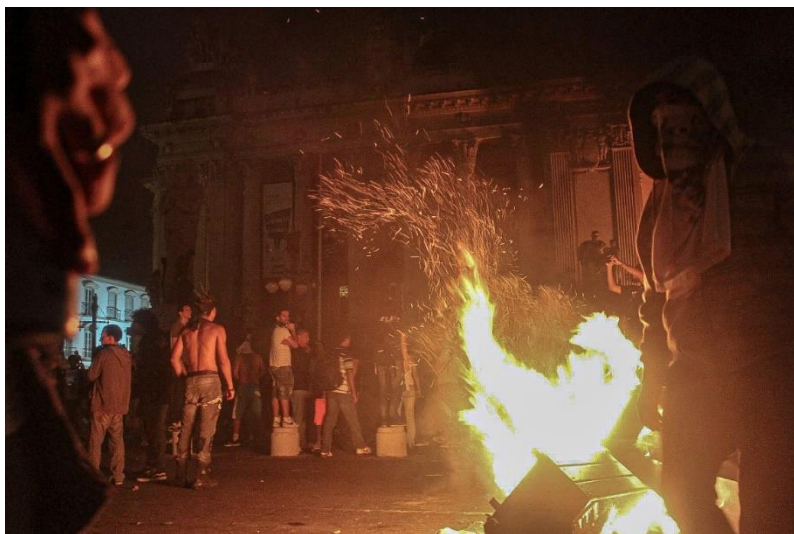


Foto: Diego Felipe

Junho de 2013



Foto: Diego Felipe

As duas fotos anteriores retratam o ato do dia 17 de junho de 2013 – um grande ato com milhares de manifestantes ocupou a escadaria da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), que foi marcado por intenso confronto com a polícia. Na ocasião, os manifestantes resistiram por horas às investidas da polícia tomando a frente do prédio da Assembleia. Entre os manifestantes, o acontecimento ficou conhecido como tomada da Alerj.

Diego Felipe

Junho de 2013



Foto: Patrick Granja

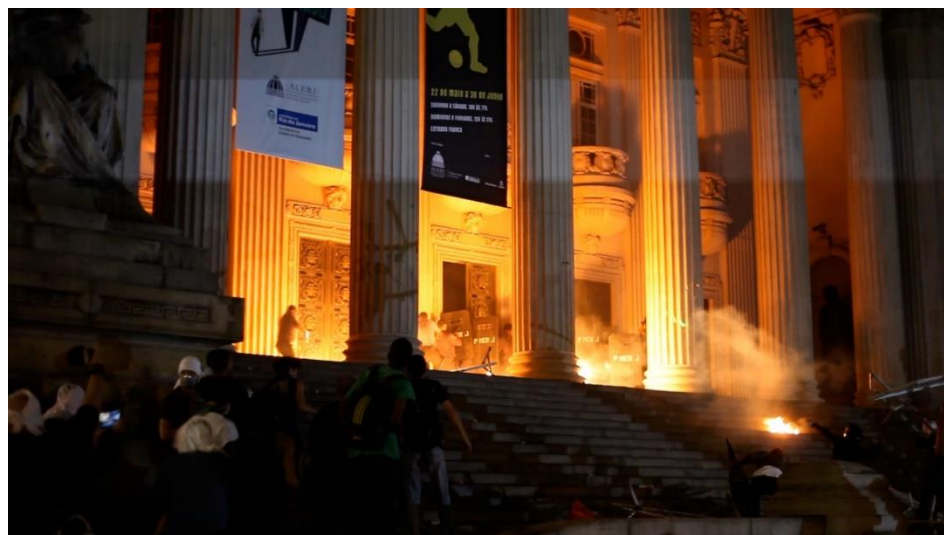


Foto: Patrick Granja

10.17771/PUCRio.DDCIS.64217



Junho de 2013

As duas fotos anteriores são dia 17 de junho de 2013: milhares de pessoas tomaram as escadarias da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e fizeram recuar as forças policiais depois de uma chuva de pedras, fogos de artifício e coquetéis *molotov*. Nesse dia, além das muitas violações de direitos colocadas em prática durante o policiamento aos protestos, do uso abusivo de armamento menos letal, balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral, também foi registrado o uso de armas letais pelos agentes das polícias do Rio de Janeiro.

Patrick Granja



Foto: Patrick Granja

Presenças ilustres nas manifestações de 2013, Dona Beatriz e Zé Maria se misturavam à juventude combatente com a mesma energia de quando eram jovens militantes contra o regime militar fascista nos anos 1960 e 1970.

Patrick Granja

Junho de 2013



Foto: Patrick Granja

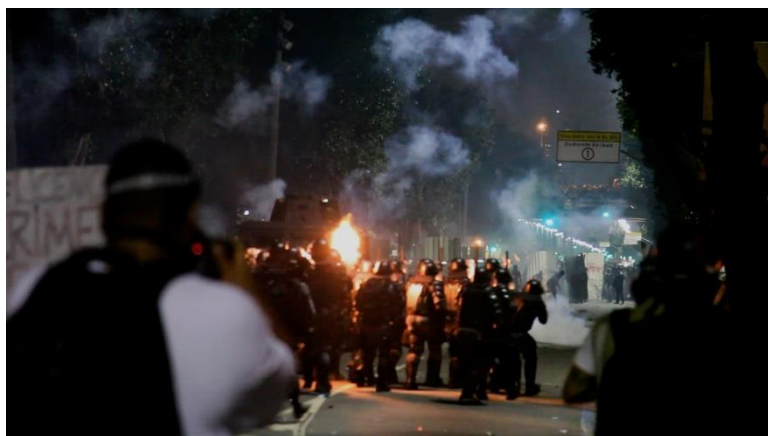


Foto: Patrick Granja

As duas fotos anteriores são do dia 20 de junho de 2013: mais de 1 milhão de pessoas tomaram a Avenida Presidente Vargas em um dos maiores protestos da História do Brasil. Estudantes e trabalhadores não recuaram diante da feroz repressão das tropas do Estado e, corajosamente, com paus e pedras, resistiram às bombas e até ao “caveirão” – famigerado veículo blindado da PM do Rio de Janeiro, usado cotidianamente para impor terror e morte aos pobres em favelas e bairros pobres.

Patrick Granja

Junho de 2013



Foto: Jornal A Nova Democracia (AND)

No dia 27 de junho de 2013, em Jaru, Rondônia. Centenas de camponeses da Liga dos Camponeses Pobres (LCP) se manifestam contra a criminalização da luta no campo e em apoio às lutas populares nas cidades. A LCP de Rondônia e da Amazônia Ocidental somou-se às lutas populares do Brasil denunciando a violência do Estado brasileiro que, naquele mesmo período, reprimia camponeses em luta em Rondônia, povos indígenas no Mato Grosso do Sul e no Pará, além da repressão e criminalização das lutas populares nas grandes cidades.

Jornal A Nova Democracia (AND)

Julho de 2013



Foto: Diego Felipe

Os protestos radicalizados de 2013 na cidade do Rio de Janeiro não começaram no mês de junho. Um estopim para o caldeirão político que tomou conta da cidade se deu em março, com a desocupação violenta do prédio do antigo museu do índio no bairro do Maracanã. Os indígenas do movimento Aldeia Marakanã e seus apoiadores foram parte importante do processo de luta na cidade, se fazendo presente nos inúmeros atos que se espalharam pela cidade no restante do ano. Tal como podemos ver nesta foto de um ato ocorrido durante o período da Jornada Mundial da Juventude que ocorreu em julho de 2013.

Diego Felipe

Greve Educação



Foto: Diego Felipe



Foto: Diego Felipe

Os protestos de 2013 não se limitaram à luta contra o aumento de passagem, diversos movimentos sociais protagonizaram a revolta popular que tomou as ruas da cidade em 2013. Um desses movimentos foi o dos trabalhadores da educação, que fizeram uma greve unificada unindo professores do município e estado contra os ataques dos governos estadual e municipal. As duas fotos anteriores são dessa greve que durou meses e foi promovida pelo sindicato dos trabalhadores da educação, em uma luta marcada pela radicalização e pela violência dos setores da repressão contra os educadores.

Diego Felipe

Greve Educação



Foto: Rafael Daguerre

Greve Educação

Em outubro de 2013, no Rio de Janeiro, a Greve da Educação das Redes Municipal e Estadual mobilizou milhares de pessoas que foram para as ruas. Foi a maior greve da categoria em mais de 30 anos. A fotografia retrata um dos protestos dos profissionais da educação em outubro de 2013 no Centro do Rio.

Rafael Daguerre

Greve Educação



Foto: Jornal A Nova Democracia (AND)

Outubro de 2013, Rio de Janeiro. A juventude combatente formando a linha de frente nas manifestações.

Jornal A Nova Democracia (AND)

Greve Educação



Foto: Jornal A Nova Democracia (AND).

Em outubro de 2013, barricadas foram erguidas na cidade do Rio de Janeiro e em todas as cidades onde ocorreram manifestações.

Jornal A Nova Democracia (AND)

Greve Educação



Foto: Jornal A Nova Democracia (AND).

Dia 7 de outubro de 2013, Rio de Janeiro. Em faixa assinada pela Frente Independente Popular, as massas exigiam Punição para os torturadores do regime militar! Nesse dia, mais de 50 mil manifestantes saíram às ruas em um ato em defesa da educação. O protesto foi marcado pela participação combativa de jovens e educadores, que se opuseram ao velho Estado. Durante a manifestação, foram lançados coquetéis *molotov* e rojões contra a Câmara Municipal, vista como símbolo da corrupção e da exploração capitalista. O Clube Militar e o consulado americano também foram alvos dos manifestantes, representando a opressão e repressão ao povo.

Jornal A Nova Democracia (AND)

Junho de 2014

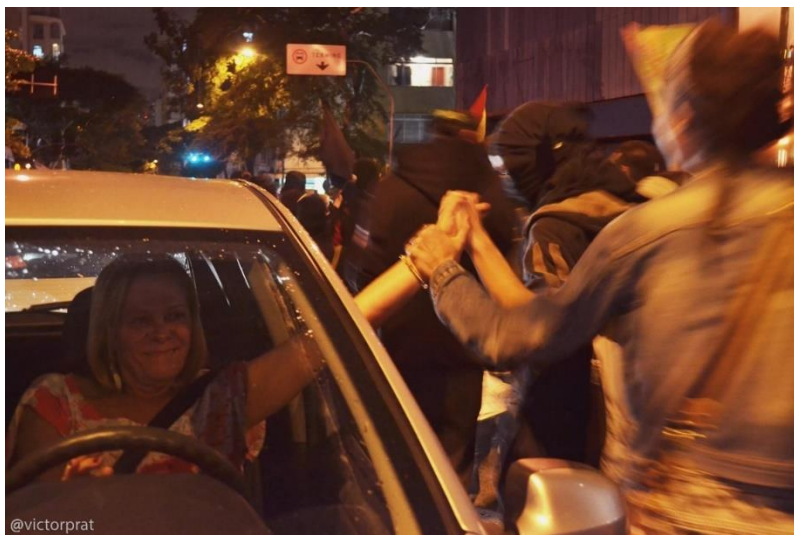


Foto: Jornal A Nova Democracia (AND)

Dia 10 de junho de 2014, São Paulo. A população seguia apoiando expressivamente os levantamentos que ocorriam por todo o país. Na foto, manifestantes com rostos cobertos, bandeiras, em marcha, são cumprimentados por motoristas em meio ao protesto contra os gastos com a Copa da FIFA.

Jornal A Nova Democracia (AND)

Cadê o Amarildo?



Foto: Patrick Granja



Foto: Patrick Granja

Cadê o Amarildo?

Em 2013, estudantes e trabalhadores ocuparam a porta do prédio onde residia o ex-governador Sérgio Cabral, no Leblon, bairro onde vivem os mais parasitários e enriquecidos setores da burguesia brasileira. Ali ao lado, no morro da Rocinha, o desaparecimento do operário Amarildo de Souza, sequestrado e torturado até a morte pela PM, revoltou moradores, que tomaram as ruas e se juntaram aos manifestantes que ocupavam o bairro do Leblon. Os dois registros anteriores são de manifestação contra a violência policial.

Patrick Granja

Relato da fotógrafa Katja Schilirò

Tudo começou com o desaparecimento e morte do pedreiro Amarildo de Souza e a luta de sua esposa, Elizabeth Gomes da Silva, que incansavelmente, junto a seus familiares e amigos, organizavam manifestações desde a Rocinha até a casa do então Secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame e do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, a fim de pedir explicações sobre o paradeiro do corpo do marido desaparecido. Jamais a fotografia fez tanto sentido como lente testemunhal de um percurso de luta pela memória. Foi ali que ganhou para mim sua potência a noção de uma fotografia testemunhal e crua. Nessa mesma época, já fotografava o Grande Levante de 2013, nas ruas do Rio de Janeiro e São Paulo, com suas pautas mais que legítimas.

Eu, uma mulher de 52 anos, tentando conciliar a minha mudança de uma vida bem-sucedida profissionalmente, iniciando uma nova profissão, com uma filha de 11 anos e atendendo a minha própria demanda de estar presente e fotografar todas as manifestações marcadas pelas páginas das redes sociais.

Era uma fotografia ainda incompleta, ruidosa, desenquadrada, destratada, sem uma pós-edição, mas completa na trajetória dos fatos. Nas Ruas da cidade, conheci outros e muitos mais iguais a mim, indignados, descarados. Convivi com uma quantidade enorme de fotógrafos – homens em sua grande maioria. No Rio, éramos 3, 4 ou 5 mulheres. Em quase todas as manifestações, chegava na hora marcada e me juntava na frente da primeira bandeira, junto a estes que tentavam se posicionar, sem interromper o tráfego de nós mesmos,

manifestantes. Contudo, diferente deles, cantava e me misturava aos amigos que lá estavam também. Batia boca com os policiais, acreditando que, por ter 52 anos, nada me deteria. Grande engano. Fui presa duas vezes, com meu rosto estampado na mídia social da época e um major que me perseguiu durante longo período.

Aos poucos fui aprendendo, mais e mais, a como me posicionar para ter melhor ângulo do que queria na minha lente, e minha briga constante com a pouca luz foi sanada com um percurso pessoal de fotografar perto de postes de luz, roubar o fecho de luz das viaturas e dos cinegrafistas. Eu me virava.

Nas manifestações lisérgicas de 2013, aprendi no gás e nas bombas a encontrar o controle correto do equipamento para conseguir, por exemplo, o instante preciso em que os capitães do mato dessem seu show pirotécnico, como na manifestação no dia da final da Copa da FIFA em 2014, quando fomos todos enclausurados na Praça Sáenz Peña, na Tijuca, ou quando os adeptos da tática *black block* atiraram pedras nas vidraças dos bancos no Centro do Rio. Adorava toda aquela pirofagia. Estava em casa! E se ainda existe a pergunta de que a Direita esteve em 2013, afirmo que não. Estive muito perto e saberia.

Sabíamos como cada comandante das polícias agia, e eu, briguenta, os chamava pelo primeiro nome. Certamente fui ajudada por vários fotógrafos e cinegrafistas diversas vezes, no corre-corre, onde nada se via e quase não era possível respirar.

Ainda ecoam as palavras de ordem, Cadê o Amarildo; Acabou o Amor, isso aqui vai virar a Turquia; Acabou, Tem que Acabar, Eu quero o Fim da Polícia Militar; a música de MC Cidinho e MC Doca, “O Rap da Felicidade”. Meu texto está do jeito que vivi aquela época. Falo sobre minha vivência diária nas ruas. Vou finalizá-lo com as registros que seguem e o afeto profundo ao que vivi nas manifestações no ano de 2013 e nos anos que se seguiram.

Katja Schilirò

Cadê o Amarildo?



Foto: Katja Schilirò



Foto: Katja Schilirò

Cadê o Amarildo?



Foto: Katja Schilirò



Foto: Katja Schilirò

Cadê o Amarildo?



Foto: Katja Schilirò



Foto: Katja Schilirò

Cadê o Amarildo?



Foto: Katja Schilirò



Foto: Katja Schilirò

Cadê o Amarildo?



Foto: Katja Schilirò



Foto: Katja Schilirò

Cadê o Amarildo?



Foto: Katja Schilirò



Foto: Katja Schilirò

Cadê o Amarildo?

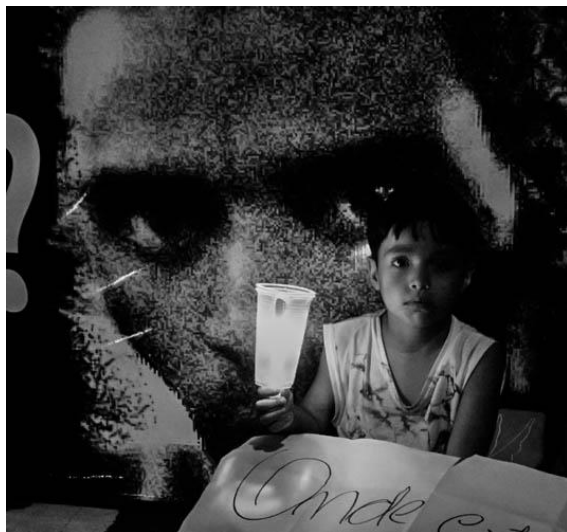


Foto: Katja Schilirò



Foto: Katja Schilirò

Créditos das fotos

Diego Felipe de Souza Queiroz

Mídia-educador e filósofo responsável pelo canal de Filosofia Pensamento Radical. Trabalha como professor de Filosofia na rede de educação do Estado do Rio de Janeiro e atua como mídia livrista e documentarista no canal Linhas de Fuga. Mestrando em Filosofia e Ensino de Filosofia no PPFE-CEFET. Participa como pesquisador de tecnologia ligado ao Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas (Next), atuando também na direção da Associação de Estudos e Atividades Filosóficas (Seaf). Diretor dos filmes *O que Resta e Junho* e *Vândalos e Baderneiros*, que retratam a revolta popular na cidade do Rio de Janeiro.

Jornal A Nova Democracia (AND)

Imprensa Popular e Democrática. O jornal *A Nova Democracia*, nos seus mais de 20 anos de existência, mantém inalterada sua combatividade, denunciando a política semicolonial e latifundista aplicada pelas velhas instituições e os governos de turno, com análise científica da realidade social; assim como instrui a luta popular levantando a necessidade de uma nova democracia: nova economia, nova política e nova cultura.

Kátja Schilirò

“Durante mais de dez anos, acompanhei como fotógrafa mulheres que tiveram de reconstruir suas vidas após o assassinato dos próprios filhos, maridos e familiares por agentes do Estado. Está sendo uma longa jornada de acompanhamento visual e mesmo etnográfico, psicológico e testemunhal das marcas visíveis e invisíveis, físicas e psíquicas aqui tratadas sob a metáfora geral da cicatriz: o que deixa no corpo de tais esposas, mães, irmãs, tias e avós a ferida aberta de um ente querido morto de modo súbito, violento e injustificável. Aos 52 anos e com 7 anos de carreira na fotografia, percebi-me diante do assombro de tais histórias repetidas em suas variantes e percebi ser preciso reaprender a mostrá-las. Tudo começou com a morte do pedreiro Amarildo de Souza e a luta sua esposa, Elizabeth Gomes da Silva. Foi ali que ganhou sua potência a noção de cicatriz em um caso de ferida ainda aberta em chaga. A luta pelo luto é, portanto, parte deste projeto que alcança narrativas de feridos com pouco visibilidade, embora almeje algo além de meramente despertar a empatia ou compaixão dos espectadores. Trata-se aqui de se propor, pela fotografia, um engajamento direto pela cessação imediata de uma violência seletiva e letal. A partir daí, acompanho também o universo de outras mulheres, a maioria mães as quais perderam seus filhos ou os tiveram mutilados em situações de violência urbana.”

Patrick Granja

É jornalista e documentarista, autor do livro *Cadê o Amarildo?* (editora Revan); diretor de quatro documentários, sendo um deles o docudrama longa-metragem *Livres*, trabalhou durante 10 anos como repórter do jornal *A Nova Democracia*, tendo produzido nesse período mais de 500 vídeos e reportagens sobre conflitos sociais urbanos e rurais por todo o Brasil. Atualmente trabalha como diretor de fotografia, produtor e editor em obras de outros cineastas, entre eles o documentarista Silvio Tendler.

Rafael Daguerre

Fotógrafo, fotojornalista, repórter, editor, documentarista e cinegrafista. Reconhecido pelo seu trabalho com foco em questões sociais, Rafael obtém vasta documentação de movimentos sociais e mobilizações populares ao longo de mais de uma década de trabalho. A partir da perspectiva do fotojornalismo independente, que tem como pilares a liberdade e a autonomia de pauta, funda, em 2016, a Mídia1508, um coletivo de jornalismo independente. Ao longo dos últimos anos, Rafael realizou diversos trabalhos de fotografia e audiovisual, atravessando temas como racismo, violência policial, direito à moradia, violência de gênero e a causa indígena, como o curta-metragem *MARAKÁ'NÀ*. Em 2020, trabalhou na montagem/edição do filme *Confederação dos tamoiós: a última batalha*, do diretor Carlos Pronzato. Em 2021, trabalhou como fotógrafo *still* e também na montagem e finalização do premiado curta-metragem experimental: *Nossos passos seguirão os seus...*, de Uilton Oliveira. Em 2022, trabalhou como um dos cinegrafistas do filme *O futuro é nosso*, do renomado diretor Silvio Tendler. Em 2023, trabalha no documentário *Olga e Luiz Carlos – uma história de amor* (em produção), também de Silvio Tendler.

Referências

- DUBOIS, P. 1993. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus.
- FOUCAULT, M. 2009. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- SONTAG, S. 2004. *Sobre a Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras.

10.17771/PUCRio.DDCIS.64217

